

“Aquele-Que-Não-Pode-Ser-Mencionado”: a representação do *Queer* incorporada ao personagem *Ele* em *As Meninas Super Poderosas* ¹

“He Who Must Not Be Named”: *Queer* representation incorporated at Him character of *The Powerpuff Girls*.

Camila Peres MANCIO²
Gustavo Rocha e Silva SANTOS³
Elisa MARANHO⁴

Resumo

Este estudo tem como questão norteadora a compreensão do personagem *Ele* (*Him*) – da série clássica de desenho animado: *As Meninas Super Poderosas* (*The Powerpuff Girls*) produzida entre 1998 a 2005 pela *Cartoon Network* – pelo viés da *Teoria Queer*. Para isso, esta metodologia de caráter documental e exploratório, contou com a literatura de autores como: Guacira Louro, Judith Butler, além da análise de dois episódios: *O Polvilhão* e *Festa de Aniversário* (*Octil Evil* e *Birthday Nash* respectivamente). A partir disso, as problematizações que se levantam aqui se referem: a) Relação do *Queer* com *Ele* e suas possíveis problemáticas.

Palavras-chave: Corpo. Queer. Ele. As Meninas Super Poderosas.

Abstract

Thus, this study has as a guiding question understanding “Him”, character of the classic cartoon series “*The Powerpuff Girls*”, produced between 1998 and 2005 by Cartoon Network - by the bias of the Queer Theory, which address the questions about non-heteronormative bodies that belong to marginalized groups whose rights are denied and their lives taken. For this, a documentary and exploratory methodology was used, based on the authors researches like: Guacira Louro, Judith Butler, besides the analysis of two episodes: *Octil Evil* and *Bash Birthday*. Thus, the problematizations arised here refer to: How the Queer is related to Him and its possible problems.

Keywords: Body. Queer. Him. The Powerpuff Girls.

¹ Uma versão escrita em inglês de parte desse artigo foi enviada para: Journal of Science and Technology of the Arts. <http://artes.ucp.pt/citarj/> em Portugal.

² Graduanda do Curso de Comunicação Organizacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: cmancio@alunos.utfpr.edu.br

³ Graduanda do Curso de Design da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: gugstone@gmail.com

⁴ Mestre em Comunicação. Professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: elisa.utfpr@gmail.com

Introdução

O *Queer* é, segundo Louro (2017, p.02), todo corpo considerado como estranho, esquisito, exótico e que foge dos padrões normativos de uma determinada sociedade/cultura. Estes estudos estão quase sempre associados aos estudos feministas, sobre gênero, sobretudo, homossexuais, *drags* e transexuais.

O presente trabalho pretende compreender o *Queer* a partir do personagem *Ele* (na versão original: *Him*) da série de desenho animado *As Meninas Super Poderosas* (*The Powerpuff Girls*) produzida pela *Cartoon Network*, desde 1998.

A questão norteadora deste estudo é compreender se *Ele* pode ser caracterizado com elementos do *Queer* e caso sim, indaga-se a respeito da projeção dos públicos do desenho animado. Isto é, esta representação pode contribuir para uma possível naturalização de preconceitos (ou exclusão) de grupos identificados como *Queer*? Isto é, a animação pode naturalizar comportamentos LGBTQ+fóbicos que deveriam ser problematizados? Há algo positivo na figura do personagem?

A metodologia para este estudo tem caráter exploratório e documental, sustentada por meio da literatura de pesquisadores que compreendem a *Teoria Queer* e documentações sobre o *Queer* no audiovisual brasileiro e possíveis percepções dos públicos.

Para compreender melhor o personagem, esta pesquisa contou com uma análise de dois episódios da série: *O Polvilhão* e *Festa de Aniversário* (intitulados originalmente como: *Octil Evil e Bash Birthday*) elencando algumas características em duas categorias: a) aspectos da mise-en-scène: (indumentária; voz; gesticulação; espaço cenográfico e fotografia e b) aspectos da narrativa (ações do personagem e interação com outros personagens).

A defesa desta pesquisa – ainda embrionária – é sustentada pelos dados sobre homofobia e transfobia no Brasil, que evidenciam a necessidade de abordar temáticas voltadas para a representação de gênero e sexualidade, não apenas na área acadêmica, mas também em todos os espaços públicos.

Em exemplo, a pesquisa do Grupo Gay da Bahia (GGB), em seu relatório do ano de 2017, apontou que no Brasil a cada 19 horas um LGBTQ+ é assassinado ou comete

suicídio por motivações homofóbicas. Quanto aos casos de transfobia, registraram-se 387 assassinatos e 58 suicídios, evidenciando um aumento de 30% e relação ao ano de 2016. O índice da homofobia no país é crescente, tendo em vista que no ano 2000 ocorreram 130 assassinatos movidos por homofobia. O relatório ainda apresenta uma informação importante: os números de assassinatos LGBTQfóbicos no Brasil, classificam o país como o que mais mata as minorias LGBTQ+ no mundo.

Além da violência física outro exemplo que demonstra o conservadorismo no Brasil é a violência simbólica fortemente vivida por estas pessoas. Artistas como Linn da Quebrada, Lia Clark, Laerte Coutinho, Pablo Vittar, MC *Queer*, por exemplo, são ofendidos/atacados de diversas maneiras, seja por seu posicionamento político ou por qualquer atitude que tomem. E não é só na vida pública que isso acontece, adolescente, crianças abandonam as escolas por *bullying*, são ofendidas com nomes pejorativos como: *bichinha*, *afeminada*, *sapatão*, entre tantas outras formas de opressão.

Não se nega que no Brasil, as propagandas e programas de entretenimento têm aplicado às discussões com foco no público LGBTQ+, independente dos motivos. No entanto, é preciso refletir se estes personagens/programas estão sendo representados de maneira justa ou estão sendo ridicularizados, pois no país mais LGBTQfóbico do mundo, cujo conservadorismo se mostra em alta nas redes sociais – na política e na vida cotidiana – é preciso ter responsabilidade na representação destas pessoas/temas, especialmente quando se trata de entretenimento para as crianças cuja a fase de aprendizado e conhecimento de mundo começa a se aflorar.

As produções audiovisuais podem fomentar estereótipos, como evidenciado pelo pesquisador Stuart Hall (1997) em estudos sobre recepção, e podem inclusive, registrar processos de naturalização de uma construção social, tornando normal questões sociais como por exemplo: étnico-raciais, de gênero e sexualidade.

Sobre esta forma de naturalização, a pesquisadora Lane (1985, p.11) argumenta que a formulação destes estereótipos impede a apreensão mais crítica da realidade social, especialmente quando o processo começa a ocorrer desde da infância, pois é nesta fase que palavras começam a fazer sentido e passam a transmitir significados socialmente elaborados, levando-a criança a relacionar aspectos que reforçam uma dada interpretação de um fato/situação sem o devido questionamento.

Em síntese, constata-se assim, que uma animação não está isenta de influência, pois as imagens transmitem valores culturais, sociopolíticos e econômicos. Assim, quando o leitor recebe as imagens, ele pode atribuir a elas significados com base em seus conhecimentos e aprendizados prévios. (ALMONT 1993; JOLY, 1996; KOSSOY, 1999). A partir disso, infere-se o seguinte questionamento: *Ele* pode servir um reforço ideológico à espectadores/leitores cujas crenças e culturas ridicularizam e violentam as identidades desviantes das normas aceitas dentro de uma matriz heteronormativa.

Fundamentação teórica

A *Teoria Queer* é aqui pensada pelo viés das autoras Guacira Louro (2017) e Judith Butler (2003), que entendem o corpo como uma instituição política, e por isso, emerge de uma relação de poder. Isto é, corpos intitulados como *Queer* são corpos estranhos que fogem dos padrões da matriz heterossexual. Em seus estudos as autoras debruçam sobre as questões acerca desses corpos que pertencem a grupos marginalizados cujos direitos são negados e suas são vidas tomadas. O *Queer*, conforme lecionado por Louro (2017, p.03), é o corpo que se manifesta pela resistência, colocando em xeque os valores e preconceitos enraizados dentro de uma determinada sociedade, especialmente ao (r)existir sob uma cultura na qual o (a) exclui e humilha.

Buscou-se também um aprofundamento sobre a produção cinematográfica *Queer no Brasil*, para compreender e analisar a relevância no contexto brasileiro – um país que apresenta muitos discursos conservadores e preconceituosos. Para isso, utilizou-se os estudos de Margarete Nepomuceno sobre o *Cinema New Queer*.

O queer em narrativas audiovisuais e a recepção no Brasil

Ao longo da sua história, o audiovisual – em diferentes formas de produção – tanto excluiu, quanto criou estereótipos em torno de algumas minorias, como exemplo, do público LGBTQ+. Em referência a esta falta – ou má – representação, surge em 1960, o *Cinema Queer*, que nasce da oposição dos padrões normativos. Em pesquisas sobre este gênero cinematográfico, a pesquisadora Bessa (2014) aborda que esta forma

de narrativa tem a pretensão de questionar os padrões de perfeição e originalidade que constituem o pretense gênero verdadeiro e a respectiva sexualidade nele presumida.

Em 1990, o *Queer*, ganhou outras perspectivas, sendo intitulado como uma nova corrente chamada de *Cinema New Queer*. A corrente se consolidou em oposição aos ataques à comunidade LGBTQ+ da época, quando uma vigilância moral a circundava por conta da expansão da AIDS. À vista disso, o *Cinema New Queer* compreendia as narrativas em que se discorria de maneira afirmativa sobre as sexualidades e gêneros considerados desviantes da norma.

Com o movimento do *Cinema New Queer*, propiciou-se uma abordagem e produção de narrativas subjetivas interpretadas por personagens não heterossexuais. Se, anteriormente, reincidia-se sobre estes uma imagem debochada, estereotipada e sensacionalista, o *Cinema New Queer* propõe a desnaturalização desta imagem e “[...] dá visibilidade e encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividades” (NEPOMUCENO, 2009, p.02).

Estas construções audiovisuais, como lecionado por Schoonover e Galt (2015) são radicalmente diferentes em forma e estilo das narrativas convencionais/tradicionais *hollywoodianas*, pois atuam na política do espaço público e no potencial estético do cinema para intervir nele. Assim, no audiovisual, o *Queer* surge como afronta. Isto é, são pequenos movimentos que surgem tanto pela construção de personagens, antes excluídos deste tipo de mídia – vestimenta, adornos, gestos – quanto pela construção de roteiros que levantam temáticas como gênero e/ou sexualidade em seus diálogos e sequências dramáticas.

No Brasil, *Madame Satã*, filme de 2002 dirigido por Karim Aïnouz, apresenta um recorte da biografia de *João Francisco dos Santos*, interpretado por Lázaro Ramos. Preto, pobre, favelado, *gay* e *drag queen* – intitulada como *Madame Satã*. Apesar da sexualidade desviante e da existência *Madame Satã*, Janot (2018) afirma que não são elas que o tornam um “anormal”, mas sim seu comportamento subsequente de sua condição social. O marginalizado *João Francisco* desconstrói o estereótipo de *gay* afeminado e fragilizado, reafirmando a complexidade da personagem quando, em uma cena de embate, grita: "o fato de ser *gay* não me torna menos homem" (AGÊNCIA ESTADO, 2002).

Em 2014, o longa *Praia do Futuro* também dirigido por Karim Aïnouz, estreou

nos cinemas brasileiros, Wagner Moura interpretou o salva-vidas *Donato*, que se apaixona por *Konrad*, interpretado por Clemens Schick. A narrativa, assim descrita pelo crítico Emilio Faustino (2014), compreende questões para além da orientação sexual dos personagens, não sendo a homossexualidade o conflito principal da trama. É importante evidenciar que *Praia do Futuro* fez transparecer dos espectadores conservadores brasileiros a aversão ao comportamento não normativo. As sequências de cenas do relacionamento de *Donato* e *Konrad* suscitou no abandono do longa-metragem pelos públicos nas cidades de Niterói, no Grande Rio e em São Luís, no Maranhão.

Como consequência deste repúdio, a rede de cinema *Cinépolis*, de forma a evitar a adversidade do público, incorporou como alternativa o aviso prévio sobre o conteúdo da narrativa. Se consentido, o espectador recebia um carimbo com a escrita “AVISADO” no ingresso, assim marcando sua decisão de assistir à *Praia do Futuro* (GUERRA, 2014).

Os filmes *Madame Satã* e *Praia do Futuro*, assim ilustram as motivações do *New Cinema Queer*, transmitindo narrativas com personagens à margem da sexualidade normativa, mas nas quais seus conflitos transpassam a questão da orientação sexual. Não obstante, a presença desses personagens *Queers* no cinema, embora distanciados do estereótipo incorporado no imaginário social, é capaz de proporcionar reações negativas à públicos conservadores, como disposto no caso de *Praia do Futuro*.

Há de se apontar também que o *Queer* não está intrínseco apenas ao cinema, mas também em novelas, séries e animações. O aumento da expressividade da temática *Queer* se deve principalmente às lutas do movimento feminista e do movimento LGBTQ+ em 1960 e das pesquisas sobre gênero e sexualidade.

A partir disso, tem-se como proposta neste trabalho o estudo do *Queer* disposto na animação *As Meninas Super Poderosas*, visando a compreender na narrativa a representação de seus discursos e manifestações.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa tem caráter exploratório e documental, alicerçada a uma análise inicial da presença de signos da estética *Queer* que compõe a criação do personagem *Ele* a partir da *Teoria Queer*. Na análise de *Ele*, quantificou-se o número de

vezes em que o personagem aparece na animação clássica. Deste modo, dos 78 episódios distribuídos em 6 temporadas, *Ele* está inserido em 17 episódios, dos quais foram analisados dois episódios em que o personagem se destaca na trama.

A partir destes dois episódios, analisou-se a construção de *Ele* a partir de duas categorias: a) aspectos da *mise-en-scène*: voz, gesticulação, espaço cenográfico e fotografia e b) aspectos da narrativa: ações do personagem e interação com os outros personagens. A tabela 1 detalha cada item por categoria, explicando como a análise foi feita.

Tabela 1 - Categorias de análise por especificação

Aspectos da <i>Mise-en-Scène</i>	
Indumentária	A composição da vestimenta e dos acessórios que compõe seu visual
Voz	Avaliação da sonoridade, tanto na versão original quanto na brasileira
Gesticulação	Como o personagem se movimenta e se comporta em cena
Espaço Cênico	Ambientes em que o personagem está inserido na trama
Fotografia	Enquadramentos/planos em que os personagens analisados são demonstrados
Aspectos da Narrativa	
Ações	Compreender as atitudes do personagem e refletir se estas seriam bem recebidas de acordo padrões sociais ocidentais
Interação	Interação com outros personagens: a maneira como se comporta diante de outros personagens da trama.

Fonte: Os autores, 2018.

Escolheu-se estes elementos/categorias para analisar por revelarem aspectos da identidade do personagem e sua vivência ao longo da animação. Após esta etapa, relacionou-se os elementos analisados com os discursos e manifestações que se relacionam com o *Queer*.

As Meninas Super Poderosas

As Meninas Super Poderosas (Figura 1) ou *The Powerpuff Girls* (PPG) é uma série de desenho animado criada pelo estadunidense Craig McCracken e produzida pela *Cartoon Network*, a qual conta a história de três meninas: *Lindinha*, *Docinho* e *Florzinha* (na versão original: *Bubbles*, *Buttercup* e *Blossom*).

Figura 1 - As Meninas Poderosas.



Fonte: *Cartoon Network*, 2018.

Esta animação, exibida no Brasil pela emissora *SBT* entre os anos 1998 a 2005 e pela *Cartoon Network* até 2016, conta 78 episódios distribuídos ao longo de 6 temporadas⁵.

As meninas nasceram de um erro no experimento químico do *Professor Utônio*, o qual assume a figura de pai e tutor. Seu experimento pretendia criar as meninas perfeitas, mas a interferência acidental do *Elemento-X* sucedeu na criação destas três meninas com superpoderes.

Lindinha é loira, meiga, e encobre sua força por meio da inocência. *Docinho* tem cabelo preto, é agressiva e dispõe da habilidade de congelar o alvo através da expiração. *Florzinha*, com seu cabelo vermelho, lidera o trio. A força sobre humana e a capacidade de voar das três meninas, assim, tornam-as imprescindíveis na defesa da cidade de *Townsville* (POTTS, 2001).

Ao longo da trama, é comum que o *Prefeito* da cidade, majoritariamente respaldado pela secretária *Srta. Sara Belo (Miss Bellum)*, clame por socorro para as *Meninas Super Poderosas* por meio de seu telefone com linha-direta para elas. Assim, as meninas o socorrem em situações de diferentes proporções, como abrir um pote de pickles ou enfrentar um vilão assolando cidade (*ibidem*, 2001).

Há também na animação vilões regulares, os quais eventualmente são destaques nos episódios, sendo estes: *Trio Ameba*, *Gangue Gangrena*, *Macaco Louco*, *Princesa*, *Fuzzy Confusão* e *Ele*.

⁵ As seis temporadas referem-se à série clássica/original (1998 - 2005), tendo seus episódios reunidos no site do *iTunes*. Disponível em: <<https://www.apple.com/itunes/>>. Acesso em: 05 de set. de 2018.

Análise de Ele nos episódios analisados

Enredo dos episódios analisados

A escolha dos episódios *Octil Evil* (na versão brasileira: *O Polvilão*) e *Bash Birthday* (na versão brasileira: *Festa de Aniversário*) foi feita por ter o personagem *Ele* em destaque ao longo das duas tramas.

Em específico, o primeiro episódio – inserido na primeira temporada – foi escolhido por ser a primeira vez em que o personagem aparece em cena na série de desenho animado, assim é possível observar a recepção dos outros personagens que compõem a animação têm do vilão.

Já o segundo – inserido na segunda temporada – foi escolhido por trazer outros vilões na narrativa, assim é possível observar como o personagem se comporta tanto em relação aos habitantes da cidade de *Townsville* quanto aos vilões.

A partir disso, aqui se pretende fazer um pequeno resumo sobre os episódios que foram analisados e depois aprofundar elencando os seguintes elementos observados ao longo dos dois episódios: a) indumentária; b) voz; c) gesticulação; d) *mise-en-scène*; e) recepção e f) atitudes/ações (características já explicadas com mais detalhes na metodologia de análise).

Optou-se neste artigo por discorrer as características observadas em um único texto, pois a maior parte das características identificadas estavam inseridas tanto em um episódio quanto no outro. Além disso, é necessário destacar que algumas das características serão exploradas de maneira mais aprofundadas que outras em razão de sua complexidade.

O Polvilão - Octil Evil

O episódio se inicia com uma discussão entre *Docinho* e *Florzinha*. O vilão *Ele* – que nunca havia aparecido na trama – é apresentado pelo narrador como: “[...] uma criatura tão sinistra, tão desprezível que até mesmo pronunciar seu nome causa temor no

coração das pessoas”. *Ele*, enquanto assiste a briga das meninas, percebe que promovendo a discórdia entre as irmãs pode promover o caos na cidade.

Assim, o vilão utiliza um *polvo* de pelúcia de *Lindinha* para conversar com a menina e assim manipulá-la para promover brigas entre suas irmãs. Desta maneira, *Lindinha* sugere a *Docinho* que ela deveria ser a líder da equipe, deixando assim de seguir as ordens de *Florzinha* (atual líder da equipe).

A briga por poder entre elas se torna grave, colocando inclusive em risco a vida de moradores da cidade de *Townsville*. Após, os desentendimentos se tornarem insustentáveis, *Lindinha* busca apoio em seu confidente: o polvo, que neste momento revela sua verdadeira identidade.

A partir deste momento, *Ele* conta a *Lindinha* que ela quem promoveu discórdia entre suas irmãs e se torna uma criatura monstruosa, prometendo assim, destruir a cidade. A vida de *Lindinha* é então colocada em risco enquanto *Ele* se delicia ao ver seus planos em ação.

A cidade só é salva – como de costume na trama – quando as irmãs se unem para salvar *Lindinha* das mãos de *Ele*, que mesmo após ser derrotado, não expressa culpa em suas ações.

Festa de Aniversário - Bash Birthday

Este episódio é iniciado com a promoção de uma festa de aniversário surpresa dos moradores da cidade de *Townsville* para as *Meninas Super Poderosas*. Assim, todos os personagens, inclusive os vilões, dão as meninas diversos presentes.

A trama vai mostrando as peripécias de cada vilão, que com seu presente buscam destruir a cidade. Assim, cada presente se torna um novo desafio para as meninas, os vilões assistem a festa das meninas superpoderosas da prisão. Enquanto *Ele*, destaca-se por ser o único que não está preso, então em determinado momento da festa de aniversário ele faz aparecer e convence as meninas e o *Professor* a abrirem o seu presente.

Assim, elas ficam contentes ao receber de *Ele* um pequeno touro vermelho – muito semelhante à sua aparência. Mas a felicidade dura pouco, pois o animal se

transforma um monstro colocando em risco a vida de todos os participantes da comemoração.

Após destruírem o monstro, ele se transforma em doces – referenciando uma pinhata. Após fracassar, o vilão é criticado por outros vilões, o qual mesmo derrotado não se assume postura de perdedor, despedindo-se da trama em posição de superioridade.

Construção e caracterização de *Ele*

Figura 1 - Ele



Fonte: *Cartoon Network*, 2018.

Ele é um personagem com pele vermelha, garras em vez de mãos e tem sua figura demarcadamente relacionado ao Diabo (tema explorado adiante). *Ele* é aqui entendido como um *crossdresser*, que como lecionado por Barbosa (2014, p.18), é atribuído a pessoas que se caracterizam com acessórios tidos ou remetentes ao sexo biológico oposto ao daquele que veste. A consideração é feita especialmente pela indumentária do personagem, composta pelo uso do batom, cílios acentuados, botas de salto alto (coloração preta), saia de pompom e top (coloração vermelha) – elementos marcantes na construção deste personagem e que normalmente atribuídos ao gênero feminino.

Sua voz é andrógina – tanto na versão original quanto na brasileira. Isto é, ela é suave quando o personagem está calmo, mas quando suas verdadeiras intenções são reveladas sua voz fica mais grave, demonstrando sua raiva. A linguagem corporal de *Ele* é saltitante e extravagante. Isto é, quando emocionado o personagem grita e ri alto de emoção.

Em específico sobre episódio *Octil Evil*, por exemplo, o vilão rola, jogando-se ao sofá enquanto assiste o caos que provoca na cidade de *Townsville*. Em outra situação do mesmo episódio, o vilão caminha sorrindo pela própria casa com sapatos de salto alto enquanto finge ser o polvo de pelúcia de *Lindinha*. (Ver figura 3).

Figura 3 - Episódio: *O Polvilão*. Frames: 01:01 e 04:15 respectivamente. *As Meninas Super Poderosas*.



Fonte: *Cartoon Network*, 1998.

O impacto que esta visão negativa tem diante de seu público (especialmente para as crianças) não é uma relação de causa-efeito. Exemplo: uma criança ao assistir as *Meninas Super Poderosas* vai automaticamente não gostar de pessoa diferente, que possua características queer em seu comportamento. Esta visão será elaborada, gradativamente, diante de diversas abordagens midiáticas, desenhos, séries, livros (*Meninas Super Poderosas* entre elas), dialetos, piadas, conversas cotidianas com pessoas que já carregam consigo estigmas diante do *Queer*, etc, o indivíduo vai formulando o que pensar sobre pessoas que tem um comportamento desviante e dessa forma surge o preconceito.

O agravante que se põe aqui é que cada vez mais cedo o *Queer* é inserido na vida de um indivíduo de maneira negativa. A partir disso, o desenho não funciona como um canal de visibilidade, mas sim de uma promoção de estereótipos (não somente da cultura *Queer*, como também de machismo, como será explorado adiante).

E não é somente em suas vestimentas que o personagem é negativado, a *mise-en-scène*, por exemplo, em que composição visual dos artefatos que compõe as cenas em que *Ele* participa – em especial quando está sozinho – é caracterizada pelo predomínio de tons avermelhados, os quais podem contribuir para associá-lo ainda mais ao diabo, visto que o inferno é em todas as representações (inclusive de ordem religiosa definido como vermelho) (figura 4).

A pesquisadora Eva Heller (2013) sugere que o uso do vermelho pode, dependendo do contexto, ser associado ao pecado e àquilo que é imoral. Esta interpretação tem fundamentação histórica, na Idade Média, por exemplo, pessoas ruivas eram associadas a bruxas e por consequência púnicas, pois a bruxaria era – e ainda é – considerada como algo impuro e que foge aos preceitos das religiões tradicionais. "O inferno é vermelho, e também "os inferninhos" – onde reluzem certas luzes vermelhas. E uma tênue luz vermelha cria um ambiente de pecado." (ibidem, 2013)⁶.

Figura 4: *O Polvilão e Festa de Aniversário. Vários Frames. As Meninas Super Poderosas.*



Fonte: Fonte: *Cartoon Network*, 1998.

Características observadas em *Ele*

Sobre a relação de *Ele* com outros personagens da trama, observou-se que o vilão nunca é bem recebido seja pelos vilões da cidade, tanto pelos moradores da cidade, seja por medo ou desprezo. Em *Octil Evil*, por exemplo, a primeira vez que seu nome é referenciado no desenho animado, o som ambiente foi inserido após a pronúncia de seu nome para deixar a sequência mais dramática. Um dos bordões utilizados na série para se referir ao personagem é: “*aquele que não pode ser mencionado*”, fato que pode referenciar a figura de um demônio/diabo. Há assim um ocultamento dos outros personagens diante do vilão, que evitam até mesmo pronunciar seu nome.

As atitudes/ações de *Ele* ao longo dos episódios analisados são negativas, pois

⁶ É válido ainda recordar que a simbologia das cores, como lecionado por Luciano Guimarães (2001), está associada ao contexto social, cultural, político e econômico de uma determinada sociedade, portanto não se deve assumir carácter único ao vermelho, pois ele também tem pode em muitas circunstâncias, ser visto como a cor da luta, da paixão, do amor, entre tantas outras interpretações.

visam – embora algumas possam parecer boas inicialmente – promover discórdia na cidade fictícia de *Townsville*. *Ele* parece ver tudo que acontece na cidade de *Townsville* sem sair de sua casa, por meio de uma pequena televisão que transmite imagens da cidade de *Townsville*, até mesmo os momentos íntimos em que as *Meninas Super Poderosas* estão na sua própria casa.

O personagem gargalha sozinho quando o caos é instalado na cidade e não demonstra arrependimentos em suas ações – mesmo quando é desmascarado ou quando suas maldades são interrompidas pelas *Meninas Super Poderosas* – e nem compaixão pelos cidadãos da cidade de *Townsville*.

Outro ponto de destaque em suas ações, é a sua facilidade em manipular outros personagens da trama. Esta característica foi observada tanto em *Octil Evil* quanto em *Birthday Bash*. No primeiro episódio, o personagem convenceu *Lindinha* a fazer intrigas entre suas irmãs e no segundo o personagem convenceu o *Professor* e as *Meninas Super Poderosas* a aceitarem o seu presente de aniversário.

Destaca-se também na observação da *mise-en-scène*, os enquadramentos (os quais não só por uma questão estética, mas também simbólica definem o que se deve e o que não ser o foco da narrativa). Quando o personagem muda seu tom de voz para dizer uma maldade, o foco fica em seu rosto para dar ênfase na sua característica de vilão. O plano é fechado neste momento e quando *Ele* é dissimulado (finge ter alguma atitude positiva) normalmente o plano é aberto para mostrar a reação dos outros personagens e como se comportam.

As vestimentas, encenações do personagem, enquadramentos, planos, *mise-en-scène* contribuem para que o personagem (lido aqui como *queer*) seja cada vez mais marginalizado dentro da narrativa (mas não somente nela), pois é preciso pensar que desenhos, séries, livros criando estereótipos para pessoas não privilegiadas (o *Queer* entre elas).

A grande problemática que se coloca aqui é que o uso desses conteúdos (especialmente na infância, pois é o período que a criança está aprendendo normas e regras sociais) pode contribuir para uma visão negativa sobre o Queer, especialmente no Brasil, não é por acaso que o país é considerado o país mais transfóbico do mundo, com números de assassinatos alarmantes (já dito aqui).

O *Queer*, como elucidado por Louro (2017), posiciona-se contra a lógica heteronormativa a qual estabelece “[...] a manutenção da continuidade e da coerência entre sexo, gênero e sexualidade” e para além desta lógica “[...] situa-se o impensável, o inteligível”. *Ele*, sendo assim, apresenta-se como *Queer* por desnaturalizar a ordem binária culturalmente assentida como “*normal*” entre sexo (homem/mulher) e gênero (masculino/feminino).

O personagem apresenta uma discrepância entre seu nome e aparência. Na língua portuguesa, assim como na versão original, seu nome, *Ele/Him* se refere a um pronome pessoal masculino. Por outro lado, a totalidade de sua aparência não corresponde a este gênero. Suas vestimentas, cílios alongados, maquiagem e cavanhaque coexistem com elementos culturalmente construídos como masculinos ou femininos, atribuindo a *Ele* um corpo de aparência híbrida, um corpo impensável sob uma lógica heteronormativa.

A oscilação entre agudo e grave em sua voz denota a androginia, a não identificação de seu gênero. A transitoriedade de sua voz, portanto, admite a ambiguidade, o “estar-entre” dos corpos *Queer*.

O espaço em que *Ele* vive também não é passível de identificação. O *Macaco Louco*, por exemplo, tem seu lugar posicionado na cidade de *Townsville*. *Fuzzy Confusão*, apesar de viver na parte florestal da cidade, tem sua localidade apresentada. *Ele*, no entanto, vive em um quarto situado em um lugar desconhecido. A partir disso, e ao considerar sua semelhança com o demônio, pode-se pressupor que *Ele* vive no inferno, ou seja, à margem dos outros espaços ocupados pelos demais personagens do desenho. Sua relação com os outros personagens da trama – até mesmo com os vilões – é caracterizada pelo medo ou pelo riso. Aliás, diferente dos outros vilões da série, o personagem leva uma vida solitária.

Sua gesticulação é extravagante, *Ele* se impõe da sua própria maneira, tem seu próprio temperamento e quando está alegre – ainda que por razões antiéticas – o vilão deita e rola de rir sem se preocupar com que os outros personagens irão pensar, chama a atenção por onde passa e não camufla sua personalidade para agradar ninguém na narrativa.

Considerações finais

Uma problematização há de ser feita sobre a representação do personagem *Ele*, a partir da análise o personagem é aqui entendido como um corpo estranho dentro de uma sociedade heteronormativa. No entanto, é válido evidenciar que seus aspectos negativos podem influenciar que o *Queer* seja desde a infância atribuído como algo a se temer, a se confrontar.

Além disso, ao considerar a aversão do espectador brasileiro às narrativas *Queer* e, imprescindivelmente, a crescente violência contra a comunidade LGBTQ+ no Brasil, infere-se como negativa a incorporação de uma identidade *Queer* na figura de um vilão com corpo de demônio/diabo.

A má representação do *Queer* em produções de audiovisual podem contribuir para formação de imaginários preconceituosos. Não se afirma aqui e nem há este objetivo tratar de uma temática tão séria por uma relação de causa e efeito. No entanto, os números de LGBTfobia no Brasil alertam a necessidade de empoderamento desses corpos, não apenas no audiovisual, mas em todos os espaços públicos.

A conclusão, por fim, levantada em relação ao personagem, é que embora sua existência seja de extrema relevância para apresentar o *Queer* - quase nunca representado em narrativas infantis, faz-se necessário repensar a construção destas representações, para assim reafirmá-las.

Ele, na maneira como é apresentado, associa a maldade, o egoísmo, a falta de ética, entre outras características negativas ao *Queer*. Sua falta de humanidade e a associação ao diabo faz com que o personagem seja temido ou ridicularizado na trama. Além disso, o personagem apresenta pouca complexidade em sua criação, pois não apresenta características como: discernimento sobre o que é – em tese – certo ou errado, afeto/angústia, *flashbacks*, o que pode limitar às considerações e análises sobre *Ele*, e por consequência, sobre o *Queer* (uma temática que deve ser abordada de maneira mais aprofundada).

Por fim, este estudo, ainda que embrionário, reflete sobre a necessidade de pesquisas de mesma natureza ou de natureza similar, com o intuito de problematizar, evidenciar e colocar em xeque padrões preestabelecidos pela sociedade. Sugere-se

assim para futuros estudos, a reflexão e análises dos discursos da nova série de desenho animado: *As Meninas Super Poderosas*, iniciada em 2016, também produzida pela *Cartoon Network*.

Referências

AGÊNCIA ESTADO. **Madame Satã**: "aplausos" e polêmicas em Cannes. 2002. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,madame-sata-aplausos-e-polemicas-em-cannes,20020522p710>>. Acesso em: jun. 2018.

BARBOSA, Marcela Thaís de Melo et al. **A prática crossdresser na blogosfera**: um estudo baseado em análise de blogs crossdressers. 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003.

FAUSTINO, Emilio. **Praia do Futuro (crítica)**. Disponível em: <<http://www.ccine10.com.br/praiadofuturocritica/>>. Acesso em: junho de 2018.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 26. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2002

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Ateliê Editorial, 1999.

GGB - Grupo Gay da Bahia. **Relatório 2017**: Mortes Violentas de LGBT no Brasil. Bahia, 2017. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>> Acesso em: jun. 2018.

GUERRA, Flavia. **Cinema carimba 'AVISADO' em ingresso para 'Praia do Futuro' e cria polêmica nas redes sociais**. 2014. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,cinema-carimba-avisado-em-ingresso-para-praia-do-futuro-e-cria-polemica-nas-redes-sociais,1169640>>. Acesso em: jun. 2018.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**. Editorial Gustavo Gili, 2013.

JANOT, Marcelo. **Madame Satã**. Disponível em: <<http://criticos.com.br/?p=170>>. Acesso em: junho de 2018.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Papirus editora, 1996.

SILVA, LANE. Prefácio. bra: PACHECO, Elza Dias. **O Pica-Pau**: herói ou vilão? Representação social da criança e a reprodução da ideologia dominante. São Paulo: Loyola, 1985.

- LIMA, Margarete Trigueiro de et al. **Super poderes para quê?** Uma análise de representações femininas na mídia infantil em Mulher Maravilha e Meninas Superpoderosas. 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Autêntica, 2017.
- MORIN, Edgar; LISBOA, Eliane. **Introdução ao pensamento complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.
- NEPOMUCENO, M. A.. **O colorido cinema queer:** onde o desejo subverte imagens. In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS, 02, 2009, João Pessoa. Paraíba: Universidade Federal do Paraíba, 2009. p.01-12.
- POTTS, Donna L. **Channeling girl power:** positive female media images in “The Powerpuff Girls.”. *Simile*, v. 1, n. 4, 2001.
- PRADO, Juliana; LUIZ, Sérgio. **‘Não vim aqui para assistir a filme gay’:** reações conservadoras a cenas de ‘Praia do Futuro’. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/nao-vim-aqui-para-assistir-filme-gay-reacoes-conservadoras-cenas-de-praia-do-futuro-12561831>>. Acesso em: jun. 2018.
- ROSENFELD, Megan. Powerpuff Girls: good Guise, bad Guys. **Washington Post**. p. C7-7. 26 dez. 2000. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/archive/lifestyle/2000/12/26/powerpuff-girls-good-guise-bad-guys/79a54733-9e40-4633-a5c4-46c040bff6c2/?noredirect=on&utm_term=.b6089b658cb0>. Acesso em: ago. 2018.
- WINEMAN, Daniel. Never Underestimate the Power of a Puff. **New York Times** p. T59. 15 nov. 1998. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1998/11/15/tv/signoff-never-underestimate-the-power-of-a-puff.html>>. Acesso em: ago. 2018.